

APRESENTAÇÃO

“Uma das tarefas que incumbem ao escritor é de dizer o indizível, de exprimir o inexprimível, de colocar as questões difíceis.”

Salman Rushdie¹

“Nós não somos donos de nada, e o que recebemos temos que passar adiante.”

Vovó Maria Joana Rezadeira²

Os procedimentos ocidentais de reconhecimento de costumes, ritos, tradições; de leituras e leitores, como *culturais* e *literários*, construíram barreiras históricas com base em critérios comparativos a seus códigos e valores. Ante expressões de outros povos, culturas, visões de mundo, apreendidos como exóticos, folclóricos ou até mesmo bárbaros, o Ocidente demarcou fronteiras, dividindo povos em primitivos e civilizados, grupo sociais em eruditos ou populares, tempos em históricos e pré-históricos.

Projeto História, com tema “Interpretando práticas de leitura”, pretende participar de discussões referentes a essas intervenções e representações antropocêntricas, recorrendo a abordagens e enfoques voltados, tanto para a instituição histórica da legitimidade de padrões oficiais, quanto para a também histórica marginalização de outros meios de produção e transmissão de conhecimentos, sinais de leitura, formas de narratividade.

Emergentes em falares ou registros de autores não individualizados em universos morais comunitários, que não assumem *status* nem de gênios, criadores, inventores, nem de formuladores de conhecimentos passíveis de argumentações científicas, seus modos de saber e de expressão, memorização, transmissão e/ou silenciamento contribuem para a compreensão do fazer-se de leituras e culturas em conflito.

Contribuem, também, para a apreensão de sentidos e significados de saberes locais, confundidos como parte da paisagem, espaço natural aleatoriamente ocupado, mas que comportam, em seus próprios modos de configuração e de funcionamento, contrapontos vitais enquanto reservatórios de sobrevivência e energia de culturas materiais e sensíveis diante do acelerado esgotamento e pasteurização de modos de vida e culturas nos auto-denominados epicentros dominantes. Tais injunções são marcadas por confrontos e tensões na perspectiva de potenciais interlocutores preservarem costumes, saber-fazeres, relações interpessoais e com o meio ambiente, em contextos de reatualização de suas tradições e referenciais morais, resistindo a investidas homogeneizadoras.

Trata-se de leituras e conhecimentos portadores de interesses, valores, formas de ser e viver diferenciados, que, nem por isso, deixam de estar em contínuas relações de expropriações, transgressões e/ou incorporações reconstituíntes de saberes, opções políticas, gostos literários e estéticos, ou de outros viveres. Seus limites, provisórios e difusos, justificam relações desiguais que se restabelecem, hierarquizando conhecimentos, falares, leituras, culturas, a par de preconceituosas e etnocêntricas transfigurações de habitantes das margens em primitivos, grotescos, anacrônicos, atrasados ou mesmo selvagens.

O tema “Interpretando práticas de leitura” foi pensado na tentativa de surpreender, para além de leituras letradas, fundadas na historicidade de longevos códigos consagrados, alternativas de leituras, narradores, interlocutores, constituídos cotidianamente, em injunções históricas de códigos híbridos. Não só no sentido de multiculturais, como advindos de estruturas escritas e verbais criadas em interfaces de palavras/sons/gestos, que jogam de improviso, na *peleja* do repente, em exercícios performáticos,³ em tempos trans-históricos⁴ e culturais, atualizando fluentes transmissões e formas de acesso a leituras imediatas de seus autores/receptores, reinstaurando visões de mundo.

Trazendo leituras de exercícios literários e de saberes,⁵ de distintas relações culturais, em que se constituem técnicas, regras, instrumentos, autoridades, habilidades, corporeidades, subjetividades distintas, *Projeto História* mantém suas atenções voltadas para a historicidade de encontros letra/voz/imagem, abrindo possíveis trilhas e indagações a seus potenciais de compreensão em relação a tensões históricas experimentadas na instituição de uma cultura brasileira. Na predominância e imposição do letramento, tradições orais – em mediações com suportes de culturas letradas – vêm ultrapassando barreiras, mutilações corretivas, esquecimentos, movendo-se subterraneamente em palavras cantadas, corpos ritmados, imaginários flexíveis, burlando impossíveis aprisionamentos e exercícios de apaziguamentos culturais.

Através das práticas de leitura aqui reunidas, tentamos promover sondagens em torno de fronteiras culturais, entendidas como instâncias em que alteridades historicamente se delineiam e politizam suas expressões culturais manifestas. Aproximando diferentes tex-

tos, contextos, autores, editamos artigos, pesquisas, entrevistas, resenhas que, de múltiplas formas, trazem à tona horizontes de leituras e leitores permeados por suas percepções de mundo, crenças, valores, relações com tempos, espaços, grupos sociais.

Sem perder de vista contendas e interferências para exaltar línguas, pensamentos, formas de ler realidades e imaginários de mundo, *Projeto História* retoma embates que

“Rompemuros
Rasgaparedes
Crava pedras de raio

Abalador
Abalador
Raio com raio...
Abalador, ao som do tambor,⁶

em mais uma tentativa de “desmontar as armadilhas da personalidade cultural dominante e dispor suas antenas de modo a poder captar a maior variedade possível de sinais culturais emitidos aqui e ali”.⁷

Indícios frágeis, efêmeros, dispersos, mas suficientes de que, além de corpos e cabeças despídos e escravizados, as diásporas africanas e ameríndias disseminaram falares, cantares, evocações, crenças, costumes, que, latentes, reativam esperanças de compartilharmos memórias, tradições, culturas, nesta outra margem do Atlântico, reatualizando formas e laços de pertença que pluralizam a dinâmica de nossas identidades.

Nas rachaduras e brechas que vêm rasgando bandeiras e muros, capas de compêndios e dicionários, portais de museus e fachadas de monumentos, suportes de imaginários que encobriam singularidades e sustentavam pretensões de uma cultura nacional, podemos respirar esperanças de cantar e dançar com protagonistas de outros ritmos e rimas dos múltiplos Brasis. Vozes, sons, gestos, letras, imagens, espiritualidades emergentes em memórias e histórias – dados por perdidos para nossos sentidos e sensibilidades – podem iluminar nossos horizontes culturais sob as mais imperceptíveis transformações.⁸

A pintura “Brinquedo”, do portfólio *Cartografias brasileiras*, da artista Viviane Menna Barreto⁹, que compõe a capa deste “Interpretando práticas de leitura” – ao projetar imagens interconexas de uma captação de cenários amazônidas, em laboração junto a comunidades ribeirinhas –, traduz as pretensões de *Projeto História*, ao convidar a *brincar* com possíveis leituras. De forma plástica, seu trabalho de pintura insere-se neste jogo de poderes revela/esconde que constitui/reconstitui memórias, tradições, leituras na dinâmica de culturas brasileiras.

Maria Antonieta Antonacci
Editora Científica

Notas

¹ GORDIMER, Nadine. *Vivre dans l'espoir et dans l'Histoire*. Paris, Plon, Collection Feux Croisés, 2000, p. 11.

² Maria Joana Monteiro, Vovó Maria Joana Rezadeira (1902/1986), nasceu no Rio de Janeiro, viveu no Morro da Mangueira e em Serrinha, onde participou da fundação da Escola de Samba Império Serrano. Cf. encarte do CD *Jongo da Serrinha*, Compact disc Digital Audio, Programa de Bolsas da RioArte, RJ, 2002.

³ Cf. ZUMTHOR, Paul. *L'écriture et la voix (D'une littérature populaire brésilienne)*. *Critique*, Tome XXXVII, n. 394. Paris, Edicions de Minuit, 1980, pp. 232-234, em que o autor, tratando da oralidade entre colonos portugueses, comenta suas formas "entre os africanos que eles importaram", destacando que "Este gênero poético, chamado *peleja* ou *desafio*, bem conhecido na Europa Medieval, é testemunhado até nossos dias pela tradição oral da maior parte dos povos da África".

⁴ Expressão de Haroldo de Campos, ao referir-se a "(...) fontes orais que conseguem escapar à rasura e continuam a manar e fluir onde quer que as culturas não-escritas tenham resistido e sobrevivido no tempo trans-histórico que lhes é peculiar." Cf. textos de capa do livro de RISÉRIO, Antonio. *Textos e tribos: poéticas extraocidentais nos trópicos brasileiros*, Rio de Janeiro, Imago, 1993.

⁵ Eduardo Viveiros de Castro considera que o livro de Risério é um convite "(...) a uma re-visão da literatura brasileira a partir de uma de suas exclusões constitutivas, a da alteridade poética dos índios e africanos, reduzidos a pretexto em detrimento de seu texto." Cf. quarta-capa de RISÉRIO, Antonio, op. cit.

⁶ "Oriki de Xangô", in RISÉRIO, Antonio, op. cit., pp. 86-89. Conforme Risério, *orikís* iorubanos são poemas de linguagem figurada que devem sua denominação à "fusão vocabular, palavra-montagem, reunindo as expressões *orí* (cabeça-origem) e *kí* (verbo: saudar)".

⁷ RISÉRIO, Antonio, op. cit., p. 35.

⁸ Argumentações de BENJAMIN, Walter. "Sobre o concedito de História". In: *Obras escolhidas*, v. 1, 3 ed. São Paulo, Brasiliense, 1987, pp. 223-224.

⁹ Artista plástica e pesquisadora do Núcleo de Poéticas de Oralidades, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP.